

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM FOTOGRAFIA**

WÉLLINGTON DAMIN

**A BELEZA CONTEMPORÂNEA
NOS RETRATOS DE MULHERES REAIS**

**CAXIAS DO SUL
2016**

WÉLLINGTON DAMIN

**A BELEZA CONTEMPORÂNEA
NOS RETRATOS DE MULHERES REAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Tecnologia em Fotografia da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Fotografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Boone

Caxias do Sul
2016

WÉLLINGTON DAMIN

**A BELEZA CONTEMPORÂNEA
NOS RETRATOS DE MULHERES REAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Tecnologia em
Fotografia da Universidade de Caxias do
Sul, como requisito parcial para obtenção
do título de Tecnólogo em Fotografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Boone

Aprovada em ____ / ____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Flora Simon da Silva
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Clóvis Dariano
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Dr.^a Silvana Boone
Universidade de Caxias do Sul – UCS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família, por todo o apoio desde o começo do curso até agora, sempre interessados e prestativos no que eu precisasse para evoluir e constituir quem sou hoje.

Um agradecimento muito em especial aos meus amigos que o curso de Fotografia me presenteou, pelo apoio principalmente na etapa final deste trabalho, sem esse suporte emocional e prático, isso não teria sido possível.

As "*Bellas*" que participaram comigo no desenvolvimento da parte prática, as minhas Bellas, certamente contribuíram muito para que tudo se encaixasse e tomasse forma.

Aos meus professores e professoras que ao longo do curso me ensinaram amar a fotografia e me manter a essência nesse ramo profissional.

Em particular, a minha orientadora Professora Doutora Silvana Boone, que aceitou me orientar e desenvolver esse trabalho. Sem ela e suas consultorias isso não passaria de uma ideia, por isso meu muito obrigado.

RESUMO

As mudanças tecnológicas e a evolução das formas midiáticas e de edição têm colocado em xeque a realidade das imagens e chega-se a questionar se a representação do real não está se perdendo. Assim, percebe-se a entrada em um universo quase impossível de distinguir entre verdade e ficção, real e irreal, traduzido, em especial, no universo feminino e suas transformações ao longo da história. Esta pesquisa explora os conceitos da beleza, feiura, estética e dualismo no retrato fotográfico, conceitos esses que se interligam, fazendo com que um exista a partir do outro, criando uma nova constituição de imagens fotográficas que representam e rerepresentam a realidade. Longe da manipulação, este TCC busca apresentar a beleza real de mulheres reais, através de retratos fotográficos reais.

Palavras-chave: Beleza. Feiura. Estética. Dualismo. Fotografia. Feminino.

ABSTRACT

Technological changes and the evolution of media forms and editing have put the reality of images in question and it is questioned if the representation of the real is not being lost. Thus, one perceives the entrance in a universe almost impossible to distinguish between truth and fiction, real and unreal, translated, especially, in the feminine universe and its transformations throughout the history. This research explores the concepts of beauty, ugliness, aesthetics and dualism in the photographic portrait, concepts that are interconnected, making one exist from the other, creating a new constitution of photographic images that represent and represent reality. Of manipulation, this final paper seeks to present the real beauty of real women, through real photographic portraits.

Keywords: Beauty.Ugliness.Aesthetics.Dualism.Photography.Female

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	BELEZA E FEIURA: DA ANTIGUIDADE AO CORPO FEMININO CONTEMPORÂNEO.....	11
2.1	A BELEZA E OS PADRÕES DE MODA.....	13
3.	ESTÉTICA E DUALISMO NO RETRATO FOTOGRÁFICO CONTEMPORÂNEO.....	17
3.1	PADRÕES DE BELEZA FEMININOS – MODA E MÍDIA.....	21
4.	<i>BELLAS</i>	25
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

É possível dizer que existe um padrão singular e único que defina a beleza por completo, no universo da imagem contemporânea, ou a estética faz parte de um conjunto de transformações contextuais?

A resposta para essa questão será analisada e descrita no decorrer deste Trabalho de Conclusão de Curso que tem como objetivo apresentar o estudo comparativo entre os conceitos de beleza e feiura na contemporaneidade, a partir do dualismo e das contradições estéticas manifestadas na fotografia contemporânea. A pesquisa tem como foco final uma produção de catalogação da beleza contemporânea, gerando assim uma discussão quanto à feiura de ontem ser a beleza de hoje.

A principal referência para esta pesquisa surgiu a partir de trabalhos anteriores, como forma de pesquisa de novas configurações na representação do corpo. Partindo da minha produção fotográfica autoral desenvolvida nos últimos dois anos, na qual é baseada em sobreposição e espelhamento, trazendo uma dualidade e estética na pós produção e utilizando recursos tecnológicos de edição de imagem para chegar ao resultado desejado, este projeto de Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo principal discutir a desconstrução da beleza adquirida no pós tratamento e levar para a imagem fotográfica os conceitos de dualidade, estética, sem necessitar do auxílio desses programas de edição de imagem, tais como Photoshop, nem tampouco de outras estratégias de manipulação como a maquiagem, mostrando a realidade como forma de beleza, de ontem e de hoje, exaltando a realidade do universo feminino.

O trabalho estará centrado na produção de retratos fotográficos femininos, destacando os aspectos conceituais, através de signos visuais. Elementos geralmente escondidos, o que não gostam em si e a ânsia por encobrir a realidade, serão os pontos principais mais visíveis no primeiro olhar.

As características que classificam a beleza do feminino, em torno de cicatrizes, manchas, sardas, imperfeições decorrentes do tempo e das vivências, também serão abordadas neste projeto, fazendo com que essas mudanças se mostrem bonitas em frente às definições de feiura, mostrando as texturas dessas peles humanas e comprovando imagetivamente que existe beleza na imperfeição.

Segundo Jurema de Barros Dantas (2011) o corpo é o centro do cotidiano de cada pessoa, em suas aspirações de saúde perfeita, juventude eterna e beleza ideal. Além disso, o corpo é palco de paradoxos e conflitos, pois o mesmo corpo que busca sua singularidade é o que tenta negar a diferença e a alteridade. Busca-se no corpo a felicidade plena.

A procura pela perfeição e o esquecimento de si mesmo estão ligados ao desejo do outro, numa visão fenomenológica, o belo está associado diretamente como uma qualidade a ser almejada. Com a evolução da tecnologia e das formas absurdas de maquiagem, o real foi se perdendo. Sempre houve enormes avanços na história da fotografia, no qual nos encaminhou para o hoje, o contemporâneo, e com essa transformação da fotografia chegamos à uma realidade questionável.

Manipulações sobre manipulações, tanto na fotografia final, quanto na pré-produção acarretam o desaparecimento do propósito fotográfico. Segundo Jean Baudrillard (1970), filósofo e sociólogo francês, através das *media* (mídias sociais) novos conceitos são originados, criando assim simulações, fazendo com que as pessoas criem ilusões em suas cabeças as tornando reais, sendo difícil a distinção entre o real e o imaginário, o verdadeiro e o falso.

Em relação à ocultação da fotografia e do desaparecimento da mesma, esse projeto retratará a realidade e a valorização do autêntico, fazendo com que criações imaginárias que as pessoas elaboram sobre si mesmas, não passem de uma mera camada formada por elas e que no final esse conceito seja desconstruído e a realidade apareça.

O estudo foi feito através de buscas por livros, internet, documentários, artigos científicos, com base em bibliotecas, artigos, internet com os seguintes termos: beleza, feiura, dualismo, beleza contemporânea, estética, imperfeição. Os livros “A história da beleza” (2007) e “A história da feiura” (2007) de Umberto Eco são as referências principais de pesquisa, com embasamento também nos conceitos de dualismo, estética e beleza contemporânea.

Com os objetivos de investigar os conceitos que percorrem a história da beleza e da feiura, percebendo através da imagem o dualismo entre o feio e o belo, fazendo uma análise estética da figura feminina ao longo da história, conceitualizando a beleza contemporânea e comparando os conceitos de beleza e

feiura através de uma prática de catalogação de tipos na plataforma da fotografia, resultará a proposta final do estudo deste projeto.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como base de pesquisa os conceitos sobre a beleza e a feiura. A partir do escritor italiano Umberto Eco (2007) que apresenta tais conceitos em dois livros específicos: um sobre a história da beleza e outro sobre a história da feiura. Conforme o autor, na Grécia antiga, Sócrates se refere à beleza dividindo esse conceito em três categorias: a ideal, a espiritual, a útil ou funcional. Platão fraciona a beleza em dois níveis: a beleza como harmonia e a beleza como esplendor, fazendo com que essas concepções sejam as mais importantes neste período histórico.

Tanto a história da beleza quanto a história da feiura retratam as diversas teorias e épocas dos registros a respeito da estética humana. A feiura sempre esteve muito ligada ao vazio, ao interior horrendo das pessoas, o seu exterior era retratado como horrendo e impróprio. Os gregos, conforme o autor Umberto Eco (2007) acreditava que o mundo não era preenchido totalmente pelo universo da beleza.

Os conceitos de beleza e feiura fazem parte de uma ideia mais ampla que perpassa a estética da imagem. A Estética manifesta-se apenas no século XVIII a partir da definição de Baumgarten (KIRCHOF, 2003) que a define como conhecimento sensível, mas que no caso o termo “estética” de fato é originado pelos gregos e que na época dizia-se percepção do mundo sensível. A Estética é o mote para grandes transformações, juntamente com a sociedade. Ambas ditam regras e determinam acontecimentos. Os padrões e conceitos que rodam a Estética estão sempre em constante mudança, fazendo com que esse seja um universo instável, causando uma desordem visual, principalmente para mulheres que tentam seguir as mudanças estéticas, acarretando diversas complicações psicológicas e corporais pela busca incessante da perfeição inexistente.

Para analisar a beleza e a feiura, é importante destacar o conceito de dualismo presente na percepção de tais termos. O dualismo é interligado com ele mesmo, no bem e no mal, no ontem e no hoje e também em quem eu sou e quem eu quero ser. Vivemos o dualismo diariamente em nosso mundo, os opostos.

No conjunto deste trabalho, está sendo debatido o universo da beleza, da feiura, da estética e do dualismo no retrato fotográfico, podendo permitir perceber as mudanças estéticas que ocorreram no decorrer da história direcionada à imagem

fotográfica, traçando uma linha conceitual entre o passado e o presente. As transmutações em torno do padrão de beleza do mundo feminino delimitam visões sociais e modelos estéticos que deveriam ser seguidos pelas mulheres, fazendo com que isso seja demarcado pela cultura e sociedade, de forma sazonal.

Este TCC Apresenta-se da seguinte forma; O Capítulo 2 apresenta os temas da beleza e da feiúra enfocando o corpo feminino desde a antiguidade até hoje, enfocando a moda e seus padrões.

O capítulo 3 traz a estética e o dualismo nos retratos fotográficos contemporâneos, a partir dos padrões de beleza femininos gerados na moda e na mídia.

O capítulo 4 é apresentada a produção visual de "*Bellas*", onde foram fotografadas 26 mulheres "normais", aos quais o autor desde TCC enquadró todas elas no padrão de beleza real contemporânea.

Por fim, as considerações finais vêm fazer a conclusão desta etapa de estudo.

2. BELEZA E FEIURA: DA ANTIGUIDADE AO CORPO FEMININO CONTEMPORÂNEO

É possível imaginar o mundo, a natureza, o ser humano e todo o seu contexto sem associarmos boa parte da existência ao conceito de beleza? É possível pensarmos que a beleza existe desde os primórdios, e que todos os detalhes que constituem nosso mundo partem de algumas noções que provém da estética.

Quando falamos da beleza logo nos vem à mente as ideias de perfeição, simetria, e outra infinidade de definições associadas ao termo. E é através dessas nomenclaturas que partiremos para o conceito de beleza. Assim, existe mesmo um conceito que defina toda a amplitude que gira em torno da beleza? Porque delimitar a beleza em volta da perfeição? Não existe perfeição na imperfeição?

A beleza sempre é regrada e enquadrada dentro de um determinado contexto e que pode ser alterado seu sentido conforme as mudanças dos padrões específicos de cada contexto. O filósofo Sócrates, na Grécia antiga já se referia à beleza, dividindo esse conceito em três categorias: a ideal, a espiritual, a útil ou funcional. Umberto Eco (2007) cita Tomás de Aquino dizendo que para existir Beleza é imprescindível a existência não apenas da proporção, mas integridade, pois se houver um corpo sem todas as suas partes isso se torna automaticamente feio, imperfeito.

A proporção está baseada totalmente na simetria, na relação entre partes que fazem com que todo o contexto tenha uma ordem. Com o usoda proporção, as culturas de locais diferentes colocaram lado a lado a concepção do belo, fazendo um comparativo com o feio, trazendo uma visão do feio como seres horríveis e disformes, criando assim várias estéticas desde a antiguidade à idade média, vendo o feio como um desacordo que quebra aquela ideia de proporção, sobre a qual se estabelece a beleza.

Tanto o belo quanto o feio necessitam um ao outro para existirem, mesmo que o belo necessite mais da presença do feio na sua história, não podendo conhecer conceitos de beleza se não conhecermos definições de feiura, e vice-versa. Ambas necessitam fixar-se uma na outra, havendo mesmo que indiretamente uma conexão nas suas estéticas.

Para Platão(428 a.C.) o homem deve primeiramente viver no mundo superficial, onde ele possa se conectar com as ideias visíveis para após isso poder

buscar a sabedoria, que está totalmente ligada ao sensível, ao interior do Ser. Fazendo com que o Ser seja capaz de entender o que envolve o belo, o emocional existente no interno, estabelecendo a noção de que nos toca no interior nos eleva para o exterior, sentindo a influência da beleza nas nossas vidas. (DUFRENNE, 1972)

Platão por outro lado, nos transfere para a ideia de Kant, nos questionando o poder de julgamento, interrogando nosso direito em nomear alguma coisa bela. Segundo Kant o critério é o prazer que ela desperta: um prazer desinteressado, não importando o seu conteúdo, chegando à conclusão que o belo é definido por aquilo que nos agrada. “Entretanto o belo era, em Kant, ao mesmo tempo que símbolo da moralidade, promessa de verdade, aqui ele é a própria verdade sob uma forma sensível”. (DUFRENNE, 1972, p.43)

O belo, após esses fatos começa a ser questionado, acendendo uma luz em relação ao feio, podendo assim existir feiura na beleza.

Na suma atribuída a Alexandre de Hales, o universo criado é um todo que deve ser apreciado em seu conjunto, onde as sombras contribuem para que melhor resplandeçam as luzes, e mesmo aquilo que pode ser considerado feio por si mesmo mostra-se belo no quadro da ordem geral. É a ordem em seu conjunto que é bela, e desse ponto de vista redime-se também a monstruosidade, que contribui para o equilíbrio dessa ordem. (ECO, 2007, pg. 148)

Na transição para a idade moderna muda-se a visão sobre os monstros, e eles passam a ser vistos como curiosidade natural. No Renascimento eleva-se o grau de perfeição chamada “Grande Teoria”, baseando-se na beleza como algo único, fazendo junção da proporção de todas as partes, mas em contraponto surge na cultura renascentista uma enorme queda para que a beleza seja algo informe, inquieto, surpreendente (ECO, 2007).

A dualidade tem forte e grande influência quando se trata dos opostos, da beleza e da feiura.

A beleza de Arcimboldi é despida de qualquer aparência de classicidade e exprime-se através da surpresa, do inesperado e da argúcia. Arcimboldi demonstra que uma cenoura também pode ser bela, mas ao mesmo tempo retrata uma Beleza que não é bela em virtude de uma regra objetiva, mas apenas graças ao consenso do público, da “opinião pública” das cortes. Cai a distinção entre proporção e desproporção, entre forma e informe, visível e invisível: a representação do informe, do invisível e do vago transcende as oposições entre belo e feio, verdadeiro e falso. A representação da Beleza

cresce em complexidade, remete-se à imaginação, mais que o intelecto, criando regras novas para si mesma. (ECO, 2007, pg. 220 - 221)

A beleza surge também na época barroca se definindo como algo além do bem e do mal. Ela pode articular-se entre o belo através do feio, o verdadeiro através do falso, a vida através da morte. Nem diante disso a beleza barroca é anormal ou imoral, ela está ligada diretamente a criações artísticas. Antes de chegarmos à definição de beleza na atualidade, encontramos ainda vestígios desse conceito no romantismo e com ele diversas formas de beleza, ditadas não pela razão, mas com ligações que não visam excluir contradições. Então, nessa linha que se constituiu sobre a beleza vimos uma desconstrução de conceitos e definições, migrando para a atualidade, para a quebra de padrões.

2.1 A BELEZA E OS PADRÕES DE MODA

A beleza hoje vai muito além da proporção e da simetria, ela está muito embasada no dualismo, na existência da beleza a partir da feiura e a feiura a partir da beleza. A sociedade de hoje, dita regras, cria conceitos e isso tem um grande agravante, principalmente em torno do mundo feminino.

As mulheres por se importarem com a beleza acabam perdendo-se no meio de tanta informação e regras impostas pela sociedade, por isso há uma grande quantidade de mulheres que buscam a “beleza perfeita” através das revistas de moda e da mídia social, acarretando assim diversos problemas psicológicos e corporais, tais como anorexia, bulimia e baixa autoestima.

Os transtornos alimentares mais relevantes em nosso contexto sociocultural são: a anorexia nervosa (NA), a bulimia nervosa (BN) e a obesidade. Tal relevância se deve ao significativo aumento do número de casos que tem sido constatado nos últimos anos, a ponto de se utilizar a expressão “epidemia de culto ao corpo” (SILVA, 2005, p.19).

As grandes maiorias dos transtornos afetam principalmente o universo feminino, predominando adolescentes e jovens/adulta sendo a parcela de 90% diagnosticadas com anorexia e bulimia, pela incessante busca pelo maior atributo de atração, a magreza.

O corpo é a nossa casa, e com ele que temos nossos primeiros contatos com o universo, tanto em relação a sensações quanto a experimentos, é por meio dele que o mundo externo nos reconhece como seres e se altera a forma e contexto do seu corpo, estaremos nos autoprejudicando. “Desta forma, a modelo jovem e esquelética tomou lugar da feliz dona-de-casa como parâmetro de feminilidade bem-sucedida (SILVA, 2005, p. 26) ”.

Cirurgias e procedimentos cosméticos estão na lista dessas mulheres que buscam o extremo da beleza ao levando a encontrar o desprazer próprio. Elas não buscam o seu bem-estar e sim, o deslumbramento através dos olhos dos outros, perdendo-se nesse mundo da perfeição inexistente. Porque não amar o seu rosto ou seu corpo como ele realmente é? Temos uma simples resposta a isso, a exclusão da sociedade, tornando-as quem elas temem ser.

Mas no meio deste mundo desenfiado da perfeição, surge então a quebra de padrões: modelos com vitiligo, com sardas, com cicatrizes, com cabelos cacheados, mais velhas, mas todas com algo em comum, o natural, o amor a si próprio em primeiro de tudo. O novo mundo é dominado pela quebra de paradigmas, pela imposição à sociedade a existência de uma nova nomenclatura, uma nova era no conceito de beleza, a era da perfeição da imperfeição.

O universo da beleza, só é permitido ser compreendido a partir das definições e conceitos de feiura, e para podermos entender mais sobre esses dois mundos a feiura tem parte fundamental na história.

De uma forma muito genérica, o mundo é dividido em duas partes, tudo visto de forma bilateral: o bom e o ruim, o alto e o baixo, o gordo e o magro, o belo e o feio. Quais os conceitos atribuídos à tais dualidades? Como dizer o que é belo e o que é feio, sem identificar o contexto?

A feiura desde muito tempo vem sendo conferida como o oposto da beleza, enquanto uma refere-se à perfeição, a outra se refere ao imperfeito, ao caos, a não harmonia e não proporção.

Seria errado dizer que existe beleza na feiura? O mundo inteiro é coberto de ocultações. Ocultar a feiura dessa história seria impossível, pois para ter conhecimento sobre beleza precisa-se entender sobre feiura e vice-versa. Um só existe na comparação com o outro.

O mundo grego era fascinado pelos inúmeros tipos de feiura e crueldade. A cultura grega não acredita que o mundo era preenchido totalmente pelo universo do belo, sua história narra atos horrendos e errados. Segundo Platão a realidade sensível era apenas uma inapta imitação da perfeição do mundo das ideias (ECO, 2007).

A beleza era constantemente associada ao universo da criação, o ser, e a todo o momento justificavam a feiura ou a deformidade exterior causada pelo sofrimento, como uma forma de proferir a beleza interior de seu sacrifício, da sua glória.

No Renascimento, a imagem da mulher feia aparece disforme. O envelhecimento da mulher se modifica para um lado melancólico a respeito da beleza. O Maneirismo e Barroco não receiam aquilo que é irregular, como a estética clássica teme. Tornando assim a assunto da mulher feia, algo interessante, fazendo com que as imperfeições das mulheres sejam vistas como algo interessante e estimulante.

A feiura também era constatada na imagem da bruxa. Uma história por trás disso tudo foi criada, afirmando que as bruxas poderiam se transfigurar em criaturas fascinantes, mas sempre mantendo traços ambíguos que entregariam sua feiura interna.

Foi a partir disso que o romance gótico nasceu, castelos em ruínas, manifestações diabólicas, fantasmas e corpos em decomposição. Já foi dito aqui, desde o início, que o conceito de feiura, como, aliás, o de beleza, é relativo não somente a diversas culturas, mas também ao tempo (ECO, 2007, p. 391).

A divisão de cultura, entre classes era um exemplo: os mais ricos sempre achavam as classes menores ridículas e desagradáveis. Os fatores econômicos sempre serviram para discriminação, pois a elegância e beleza sempre esteve conectada a cores, pedras caras e tecidos.

É impressionante a constante mudança no padrão que se refere à estética da feiura, transformando o feio de ontem no belo de amanhã e assim sucessivamente. Hoje a definição para a feiura está totalmente ligada às pessoas que não se enquadram nos padrões estéticos impostos no decorrer da história da humanidade, deixando-as à margem, principalmente no mundo feminino.

Pessoas que não se encaixam no mundo da beleza acabam entrando em depressão e tornando-se introvertidas, deixando com que as definições que foram expostas a elas, tornam-se maiores que elas próprias.

Aos poucos determinados grupos sociais, estão deixando de lado essa não aprovação da sociedade e fazendo com que os padrões antes pré-definidos tenham grandes mudanças. O feio de hoje está muito mais conectado com o inusitado do que o horrendo. O novo ser que nasce dessa junção de nomenclaturas entre a beleza e a feiura se constitui de um modo autoral, autossuficiente e sem a necessidade de enquadramentos sociais.

3. ESTÉTICA E DUALISMO NO RETRATO FOTOGRÁFICO CONTEMPORÂNEO

Impossível medirmos a amplitude dos conceitos quando falamos de beleza e feiura no âmbito da fotografia contemporânea sem questionarmos a estética e dualismo que envolve todo o conceito em geral.

Só temos noção do que é belo ou feio a partir da estética que vamos adquirindo ao longo do tempo ou esses conceitos tanto de estética quanto de beleza falam por si só?

A Estética manifesta-se apenas no século XVIII a partir da definição de Baumgarten (KIRCHOF, 2003) que a define como conhecimento sensível, mas que no caso o termo “estética” de fato é originado pelos gregos e que na época dizia-se percepção do mundo sensível. No livro *Crítica da Razão Pura* (1980), Kant traz dois termos de definições da estética: a Estética Transcendental do Espaço e do Tempo. A Estética Transcendental do Espaço é onde encontramos no Ser externo, nos colocando fora de nós, situando todos no espaço. Como o tempo não pode ser uma forma de medida, o espaço também não tem a possibilidade de ser, não podemos medi-lo e nem considerarmos como algo do nosso interior. Em contraponto, a Estética Transcendental do Tempo, o tempo é chave de tudo, é somente nele que é possível medir toda a realidade da estética (KANT, 1980).

A Estética parte da experiência sensível, da sensação, da percepção sensível para chegar a um resultado que não apresenta a mesma clareza da lógica e da matemática. Segundo Aristóteles o belo e o bem não são práticos e técnicos, e sim uma medida cósmica e metafísica. “A principal questão da estética é para Aristóteles, como para Sócrates, a questão das relações do belo com o bem ou com o útil” (BAYER, 1993, p.48).

Aristóteles também utiliza da estética para fazer uma definição do termo, dizendo que a estética tem como objetivo permitir ao ser humano formar imagens icônicas. Platão intensifica toda a metafísica. A beleza é autossuficiente no seu conteúdo e no seu término, e a estética que envolve a beleza é uma estética plena, subsequente fazendo com que o belo e bem se conectem.

Segundo Alberti (BAYER, 1993) primeiro teórico classicista, a sua estética é uma estética da perfeição. A definição de beleza é uma junção de harmonia e

perfeição, mas há falhas nesta definição, nos transportando para o Ser errante, ele só irá alcançar a beleza quando ele errar, causando assim o auge da beleza.

Portanto na questão da beleza, ela não pode ser medida, não existe um cálculo ou quantidade, a beleza pertence à sensação individual.

Kant (JIMENEZ, 1999) surge com uma nova versão em relação ao termo estética, trazendo-a para o campo da alma, na qual nos fará pensar na estética entre a percepção e o julgamento. Para melhor entendermos sobre os conceitos levantados por Descartes e Kant, no livro “O que é Estética” de Marc Jimenez (1999) existe um levantamento sobre o paradoxo dizendo que a beleza nasce da razão, mas a razão não pode ser inteiramente idealização da beleza.

A utilização dos termos e nomenclaturas seriam muito mais simples se o conceito de belo fosse diretamente ligado a uma lei universal, para não existir diversas formas e coisas a serem ditas. Uma dessas “coisas” que são utilizadas para chegar a uma definição do termo é a graça.

A esta “outra coisa” Félibien dá um nome: trata-se da graça. Ora, a graça não depende da razão, mas sim da alma. Ela não obedece a regras racionais, mas somente ao gênio do artista: “A beleza nasce das proporções e da simetria que se encontra entre as partes corporais e materiais. A graça é engendrada pela uniformidade dos movimentos interiores causados pelos afetos e pelos sentimentos da alma. (JIMENEZ, 1999, p. 63)

Chegamos então no momento em que de fato a percepção da estética é a percepção do real, é ela por completo, sem deixar fascinar pela imaginação, tornando o conceito da estética ligado ao pensamento próprio. Os conceitos em minha cabeça pertencem somente a mim, o outro tem total liberdade de achar e denominar os seus conceitos em torno do belo e do feio. Como podemos usar de exemplo as mulheres ruivas com sardas, isso aos meus olhos pode ser belo e de extrema simplicidade da natureza humana, mas para outro alguém isso pode ser definitivamente classificado como feio.

Meu juízo de gosto está condicionado pela ideia do que deveriam ou devem ser. São belezas aderentes, isto é, ligadas a um fim, a um conceito de perfeição. Este juízo é, portanto, impuro. Vemos aqui que a perfeição desempenha o papel de um fim, de um conceito, incompatíveis, em teoria, com a beleza: “a beleza nada acrescenta à perfeição”, “a perfeição nada acrescenta à beleza”. (JIMENEZ, 1999, p. 129)

Para assimilarmos melhor, a beleza completa com ela mesma, nada que acrescentarmos a sua definição será agradável, ao invés de ajudar estaremos prejudicando-a, pois ela é bela pela forma que é, e não pelas camadas que colocamos em frente a ela.

Nesta “nova realidade”, então nossa consciência posta-se de forma diferente da usual, distinta daquela maneira de ela se dar no dia-a-dia. A percepção cessa de ser utilitária e se torna estética: deixa de se preocupar com a utilidade do percebido para se concentrar em sua aparência. Procura a verdade *sobre* o objeto, e a procura *em torno* dele, nas ligações que este mantém com outros através das ações humanas. Já a percepção estética busca a verdade *do* objeto, e a busca nele próprio, em suas formas, no seu aparecer. É no sensível – e não no conceitual, no intelectual – que reside o ser do objeto estético. (DUARTE JR., 1991, p. 55)

As camadas que colocamos a frente da beleza estão originadas desde os primórdios da humanidade até os dias atuais. Passamos a entender tudo o que envolve o termo estética quando paramos também para analisar a sua evolução em torno do mundo feminino ao longo da história.

Na Idade Média era proibida a utilização de cosméticos e adornos e no Século XVII isso ainda continuou qualificando as mulheres que consumiam esses produtos ao modificar seus rostos. Neste mesmo século surgiu a utilização do uso de espartilhos, e passou-se a ser exigidas cinturas mais delicadas. No século XIII na França deu-se um marco na moda mundial, com a utilização de perucas de cachos e perfumes, mas mesmo com esse marco histórico as mulheres não utilizavam isso como uma forma de cosmético, mas sim de embelezamento para atrair homens. Já no Século XIX com o romantismo, as mulheres abandonaram o uso excessivo de maquiagem buscando um rosto com mais simplicidade. Foi também no século XIX que houve as primeiras tentativas de retirar rugas da pele. No século XX com grandes conquistas em relação às mulheres foi um período de grande avanço histórico, elas não aceitavam toda a opressão sofrida.

Ao longo da evolução da estética visual chegamos ao contemporâneo, onde muitos dos costumes e adornos foram sendo deixados para trás, mas muito dos conceitos da estética foram mantidos, trazendo a mulher, o corpo feminino para um nível de simplicidade e transparência. A naturalidade do corpo feminino é o foco atual, mas em contraponto esse desenvolvimento em torno do mundo feminino está sempre em constante oscilação.

Com a evolução gera-se mais evolução, transformando-se num ciclo repetitivo; hoje a estética gira em torno do natural, amanhã será uma nova nomenclatura.

Trazendo o universo contemporâneo, considerando a natureza feminina que não necessariamente se enquadra nos padrões impostos pela sociedade, das ruivas, das gordinhas, das brancas e das negras que carregam consigo suas diversidades, pode-se pensar que novas características visuais e estéticas geram novos conceitos.

Atualmente os mundos dos cosméticos e da moda estão resgatando essa identidade que antes era considerada fora do contexto, trazendo assim, essas informações das belezas antes não consideradas belas para o novo mundo, maquiagens que imitam sardas, *makes* nada, é a nova tendência no universo feminino, e porque não buscar isso no natural? Porque maquiar uma mulher com sardas se podemos exibir ao mundo a beleza da sarda natural? Porque abusar de procedimentos estéticos para retiradas de rugas e muitas camadas de maquiagem para escondê-las, se podemos aceitar a beleza que existe nisso?

Esse dualismo do universo que parte além da nossa mente e nosso cérebro muitas vezes nos enlouquece, e é nesse dualismo que nos encontramos na atualidade, no querer e não querer, no ser e não ser, no bem e no mal, no ontem e no hoje.

O dualismo tenta ao longo da história, desde sua existência na Filosofia Ocidental com escrituras de Platão, Sócrates e Aristóteles, afirmar que a inteligência do homem não pode ser associada ao seu corpo.

No dualismo existem várias teorias a respeito do duplo, dos opostos, mas todas elas afirmam que a essência da consciência está num plano acima, não físico do corpo e sendo assim elas se tornam impalpável pelas várias ciências existentes.

Mas o grande foco do dualismo está entre o bem e o mal, Deus e Satanás, feio e belo, pensamentos extremamente opostos que nunca chegaram a se tocar, em um espaço entre quem somos e quem queremos ser, entre o que queremos ver e o que realmente enxergamos.

3.1 PADRÕES DE BELEZA FEMININOS – MODA E MÍDIA

Pensar em padrões de beleza nos leva diretamente ao mundo da moda. Revistas, cosméticos, anuários, *fashion shows* ditam regras e enquadram principalmente o universo da mulher em um limitado padrão.

Com a evolução da sociedade de mercado e das formas de comunicação, as informações estão cada vez mais acessíveis para o mundo todo. Informações estas que muitas vezes chegam ao consumidor em questão de segundos, e com isso, acarreta a grande busca pelos padrões de beleza inexistentes e a cada dia aumenta mais. A sociedade e principalmente a juventude feminina estão perdendo o que a vida tem de melhor para lhe oferecer e cada vez mais estão entrando no universo da moda e do capitalismo.

O hiper capitalismo do consumo gera um crescimento em torno das mídias, audiovisual e do web mundo. A grande amplitude do universo da comunicação gerou assim um excessivo consumo de imagens, tanto reais quanto irreais, fazendo com que o mundo se torne uma troca infinita de informações, originando uma era global hipermediática.

Para um melhor entendimento em relação à hiper evolução da informação e da moda voltaremos para o surgimento da moda, em meados do século XV no renascimento europeu. Ela surge a partir da separação de vestimentas, para diferenciar o que antes era totalmente igual, basicamente, discernindo o vestuário masculino do feminino, na qual o masculino era curto e ajustado e da mulher longo e justo.

Foi na Idade Média que houve uma maior diferenciação da moda, dividindo a sociedade entre nobres e burguesia, na qual tecidos e cores diferentes eram somente usados pelos nobres (LIPOVETSKY, 1989).

Basicamente a moda é cercada pela separação e pela transformação. Classes sociais e épocas históricas, desde a Idade Média a Atualidade, a moda é embasada em classes, gêneros e movimentos sociais.

A moda muda incessantemente, mas nem tudo nela muda. As modificações rápidas dizem respeito, sobretudo, aos ornamentos e aos acessórios, às sutilezas dos enfeites e das amplitudes, enquanto a estrutura do vestuário e as formas gerais são muito mais estáveis. (LIPOVETSKY, 1989, pg. 31 – 32)

Com a moda surge também o poder social da distinção social, atribuído às novidades quase imperceptíveis, mas perante a moda, com uma grande carga social e de segregação.

A moda e o prazer caminham lado a lado, porém diversas vezes, está totalmente ligada ao prazer de ser visto, de exhibir-se perante o outro. Ela produz uma estrutura de mudança, encorajando milhões de pessoas a se apresentarem como querem ser ou como querem ser vistas, procurando sempre a originalidade e elegância, mas diversas vezes atingindo o oposto disso. Sempre foi tentado conter a separação de classes, de nações, mas no fim foi uma forma de criar a individualização, criando assim um culto à estética do Eu.

A cultura massificada foi mais um acionamento do surgimento da moda. Criou-se um sistema de pressão social em relação às mudanças constantes no mundo da moda, um dever de adoração e seguimento da regra, impondo o Ser a se posicionar em um meio social.

A sociedade tornou-se um trem na qual o maquinista é a moda, que comanda a renovação acelerada. A indústria fashionista posicionou em primeiro lugar no topo de prioridades a novidade, que corresponde a um consumo desenfreado e instável.

Entramos na era de que criar somente produtos não basta, precisamos criar identidades, nichos sociais na qual nos identificamos e pertencemos, mas sempre com uma carga de individualismo criada pela moda. O individualismo moderno é abundantemente fechado em si mesmo, vivemos na época em que cada um serve a si mesmo e isso basta, na qual as pessoas buscam prazer e felicidade no eu próprio.

Segundo Gilles Lipovetsky estamos vivendo na era pós-moralista. Uma sociedade que exalta os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, do que o ideal da abnegação.

A cultura pós-moderna e pós-moralista, com sua valorização do dinheiro e da liberdade individual, estimula o movimento da direção do “primeiro eu”, na medida em que dissolve a força dos mandamentos éticos inflexíveis, a força das instancias tradicionais da socialização. (LIPOVETSKY, 2004, pg. 37-38)

A mídia e moda nos passam uma ideia de poder totalitário, tendo em nossas mãos o controle da manipulação de opiniões e dos gostos, fazendo com que nos tornamos mercadoria de uma cultura de consumo insaciável. A mídia também

conseguiu entrar tão profundamente na vida humana que ela substituiu a forma do sabe que antes era transmitida através da família e da escola. É a partir dela que cada vez mais somos informados sobre fatos e o percurso do mundo, e é ela também responsável pela divulgação de imagens e conceitos dos padrões de beleza.

Não cabe à publicidade e à mídia massificada definir e restringir padrões aos seres humanos. Cada indivíduo tem sua beleza, cada um cria e acredita no seu ideal de beleza. Cada ser é diferente do outro, é impossível e inaceitável a interação dele em um bloco, cada um tem o direito de seguir uma identidade visual que deseje.

E é nessa identidade visual que o contemporâneo está firmado e vivenciado. O que nos diferencia do resto do mundo é como nos portamos perante a sociedade. A quebra de paradigmas começa quando revelamos ao mundo, pelo nosso exterior, que não somos somente mais um na contagem final da contagem do IBGE. Nosso cabelo, nossa cor, nossos gostos, vão muito além das definições de beleza, de feiura, de estética ou de dualismo, eles são o nosso Eu por completo.

Mas aí você deve estar se questionando, se as pessoas quebram o paradigma do padrão de beleza, elas automaticamente não entram em um novo padrão?

Digo que sim e não ao mesmo tempo, sim se formos olhar o universo feminino como um só, e não, se olharmos para o feminino como individual, cada mulher é uma e isso nunca será possível de ser alterado, e é nessa pequena diferença que se encontra a realidade dos conceitos estudados.

Hoje a autonomia do ser humano com ele mesmo, permitiu essa libertação, esse amor próprio. A meu ver esse ciclo nunca terá um fim, sempre reticências e vírgulas, mas nunca um ponto final, pois estamos sempre em constante evolução e mudanças nas diversas formas de definições de tudo que existe no mundo.

4. **BELLAS**

A estética do belo na fotografia contemporânea parte dos conceitos estudados até agora: a beleza, a feiura, a estética e o dualismo como um todo, para chegarmos à produção autoral que irá contemplar todo esse processo.

A fotografia nasce em 1826 pelo químico francês Nicéphore Niépce (1765-1833) e desde essa época surge um ponto de vista em relação à fotografia, quanto à exposição, enquadramento, entre outros, estilos de fotografias que ao longo da história vão ser estudadas. A subjetividade sempre está presente na fotografia, a cada foto um novo conceito e novas definições do universo que se faz presente junto a ela. O enquadramento faz com que se crie uma identidade visual para suas fotografias, mas em contraponto gera-se certa questão em relação ao restante do quadro fotográfico. O que foi cortado já no click do restante da cena? Antigamente não existiam programas de software para facilitar essa manipulação, mas a câmera e o olho já faziam a vez desses programas.

A contemporaneidade apresenta muitas informações visuais vindas de diversos meios de comunicação e a publicidade é uma delas. A publicidade está em todos os espaços visuais habitados pelo homem contemporâneo, na televisão, nos jornais, nas ruas e em uma centena de lugares, ditando padrões e estilos de vidas, criando um mundo (ir)real, coberto de imagens fictícias ou mentirosas. É a comunicação em massa que ludibria o mundo com uma magnífica ilusão da realidade e da sociedade. Conforme Olivero Toscani, um dos publicitários com alguns dos maiores cases de sucesso na publicidade mundial, “os publicitários não cumprem sua função: comunicar. Carecem de ousadia e de senso moral. Não refletem sobre o papel social, público e educativo da empresa que lhes confia um orçamento”. (1996, pg. 25).

A publicidade vende uma felicidade fantasiosa que não existe. Essa felicidade só será encontrada nas fotografias de publicidade, nas roupas que os modelos estão usando, no cabelo que também não os pertence. A publicidade é um poço sem fim, onde a cada dia as pessoas vão se afundando mais na ideia de um estilo de vida que não existe. “De tanto querer nos vender a felicidade, a publicidade acaba fabricando legiões de frustrados. De tanto provocar desejos que derivam em

decepção, a publicidade perde o objetivo e dá origem a deprimidos e delinquentes”. (TOSCANI, 1996, pg. 33).

Quando falamos de felicidade e publicidade um dos consumidores que mais entram nesse universo de ilusão e de criações surreais são as mulheres: nelas que encontramos o maior número de transformações ao longo da história da humanidade. São elas que carregam o mundo da publicidade nas costas, estações após estações elas estão seguindo os padrões de beleza e da moda ditados pelo universo do consumo e da mídia.

Na definição de fotografia contemporânea encontramos que ela é definida como o atual, não tendo necessidade de ser perfeita como essas mulheres que participaram do trabalho, trazendo elas para uma simplicidade que tem como foco principal mostrar quem elas realmente são sem encobrimentos e disfarces.

A fotografia contemporânea, não impõe a necessidade da perfeição como essas mulheres que participaram do trabalho, trazendo elas para uma simplicidade que tem como foco principal mostrar quem elas realmente são sem encobrimentos e disfarces. A criação fotográfica em torno do universo feminino expostas neste trabalho de conclusão de curso corre ao contrário desse mundo desenfreado da publicidade.

Para construir a produção autoral, dialogando com os conceitos pesquisados neste TCC, foi definida a produção de 26 retratos de mulheres de 18 a 40 anos com a proposta de apresentá-las sem nenhum tipo de maquiagem ou produção, considerando especificamente a beleza natural.

O retrato foi uma prática fotográfica muito importante na história da fotografia e junto dessa nomenclatura de enquadramentos e estéticas fotográficas, o retrato é muito mais que um simples registro. Conforme Bauret (2000, pg. 55), o retrato “informa com utilidade sobre diferentes indivíduos que constituem um grupo ou uma classe social, sobre seus hábitos de vida e, de uma forma geral, suas atitudes”.

Bellas é um trabalho criativo composto por fotografias de mulheres na qual as “imperfeições”, tais como espinhas, manchas, rugas, marcas da pele e cabelo descuidado, entre outros, são vistos como perfeitos, na sua essência. Cabelos cacheados, rugas, sardas, tons diversos de pele, corpos acima ou abaixo do peso, mulheres únicas, todas juntas comprovam que existe atualmente uma quebra de paradigmas impostos pela sociedade e pela publicidade em massa.

Conforme Duarte Jr. (1991, pg. 55), “a percepção estética busca a verdade do objeto, e a busca nele próprio, em suas formas, no seu aparecer. É no sensível – e não no conceitual, no intelectual – que reside o ser do objeto estético. Assim, *Bellas* é composto por retratos femininos sem manipulação alguma do real, tendo em vista que em nossa carteira de identidade temos um retrato nosso, comprovando quem somos.

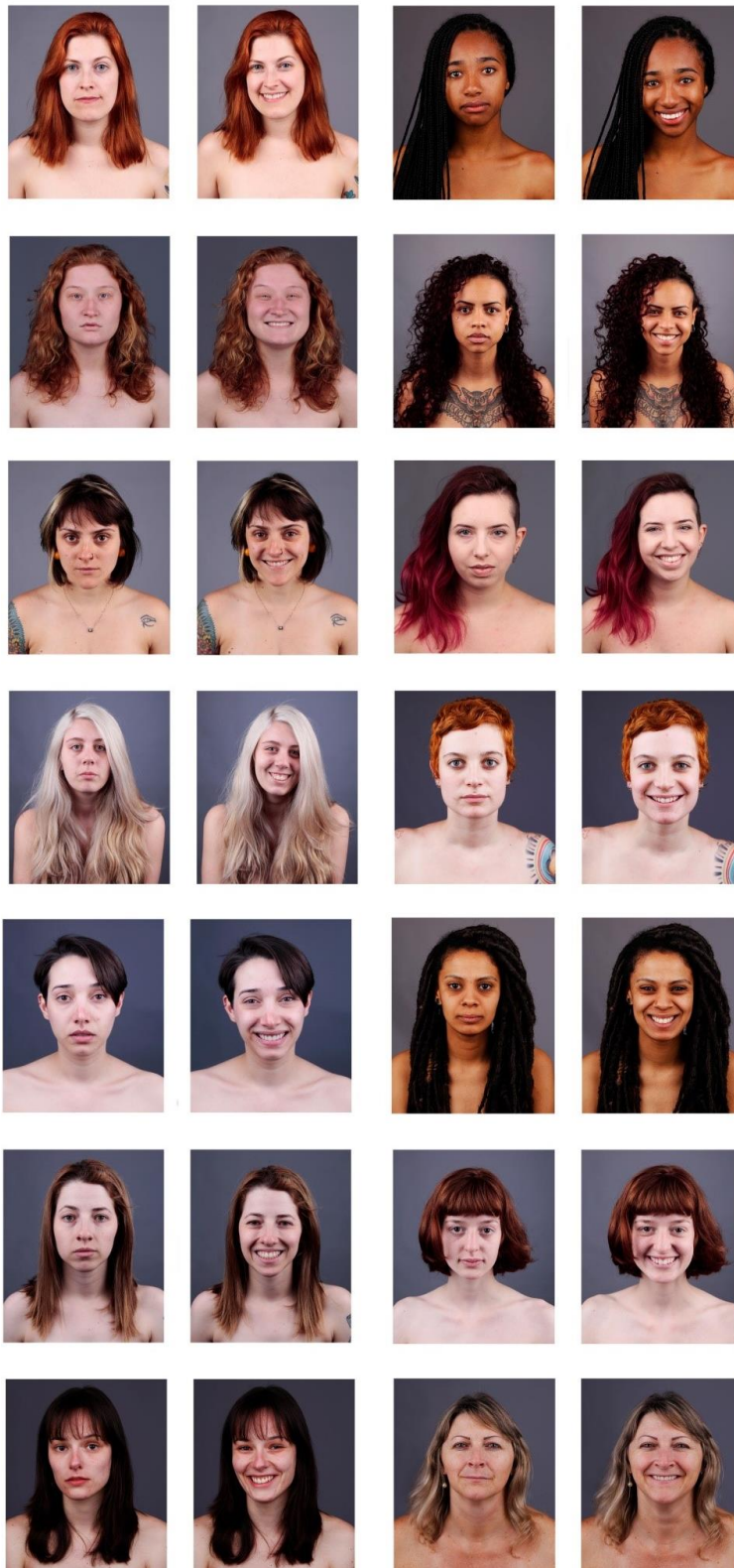
No ensaio *Bellas* são encontrados dois retratos de cada mulher, um mostrando quem elas são, com um rosto neutralizado pela seriedade, já no segundo retrato existe um sorriso, onde podemos ver nitidamente a mudança do semblante, a sua personalidade chega muito perto da lente, a maneira de dar o sorriso, mais recatado, mais espontâneo, o forçado, fazendo um comparativo entre elas mesmas, como seu rosto sério muda totalmente ao dar um sorriso. Sorriso na qual se encontra todo o universo da aceitação, de um estilo de vida, do modo como o mundo as vê. Conforme Guardini (2003, p. 13) “para mim, eu não sou apenas óbvio, mas também estranho, enigmático e até mesmo desconhecido; tudo isso a tal ponto que podem acontecer coisas como esta: um dia olho o espelho e me pergunto, surpreso: “quem é aquele? ”.

Outro grande fator encontrado no ensaio *Bellas* é o fato das fotografias serem coloridas, registrando a possibilidade mais real de como são essas mulheres, os seus tons de cabelos, as imperfeições nas peles, tons de pele entre outros aspectos que são possíveis conferir na produção do *Bellas*.

A seguir, seguem as fotos das 26 mulheres fotografadas.

O conjunto deste TCC inclui um fotolivro, entregue como parte integrante deste projeto e a exposição *Bellas*, realizada no campus 8, da Universidade de Caxias do Sul, entre 21 de novembro e 02 de dezembro de 2016.

Figura 1: Sequência de fotos integrantes do foto livro *Bellas*.



Fonte: Wéllington Damin

Figura 2: Sequência de fotos integrantes do foto livro *Bellas*.



Fonte: Wéllington Damin

A escolha pela palavra em italiano *Bellas* tem ligação direta com o escritor Umberto Eco, por ser um dos motins para este TCC, envolvendo todo seu trabalho em torno da beleza e da feiura. *Bellas*, quer dizer belas, e com isso nos leva diretamente para o belo, a beleza, o foco deste trabalho, mas além de *Bellas* (belo, beleza) como nome principal, existe um resto de definição que envolve todo o contexto que ela está inserida, tais como sua sociedade, sua cultura, entre outros aspectos que fazem com que elas se tornam belas. A beleza como palavra pura e transcrita não descreve as minhas *Bellas*, elas carregam consigo o adjetivo do belo, mas por trás dessa pequena palavra, elas carregam suas vivências, suas emoções, suas imposições e tudo que as tornam belas, não por aparência ou por padrão, até porque elas quebram esse paradigma, mas por elas serem elas mesmas, mulheres reais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos apresentados no decorrer deste trabalho de conclusão de curso podemos ver a linha de construção entre o passado até o presente dos conceitos de beleza, feiura, estética, dualismo.

A beleza foi moldada ao longo da história, passando por diversas transformações no seu conceito, ela passou de enquadrada para libertadora, mas esse caminho demorou muitos séculos para chegar ao que conhecemos atualmente sobre beleza. Antigamente a beleza era sinônimo de perfeição, proporção e simetria, tudo que fugisse dessas definições era automaticamente considerado feio, inapropriado e hoje a beleza está muito mais ligada as atitudes, as vivências e no interior do Ser, do que somente o exterior e padrões.

As definições de beleza só existem se conectadas com as definições de feiura, uma pertence à outra.

A feiura era atribuída a pessoas que não correspondiam ao ideal da perfeição. As definições de feiura estavam ligadas ao exterior, a deformidades e crueldade. A divisão de culturas também acarreta a ligação entre o belo e o feio, os mais ricos eram considerados belos e os pobres eram automaticamente classificados como feios. Essa ideia de divisões permaneceu por um longo tempo, sempre em constante oscilação entre o belo e o feio.

Um dos fatores para ocasionar esse desnivelamento na sociedade foram os padrões estéticos, produzidos pela mídia e pela moda. A estética sempre foi algo subentendido, as suas definições e conceitos podem ser encontrados nas entrelinhas. Para a chegarmos à estética não existia e não existe um cálculo ou uma forma matemática para entendê-la. A estética parte para uma nova forma de ser vista, ela não deixa espaço para a imaginação, ela se torna a percepção do real. Ao chegarmos aos conceitos mais atuais de Estética, ela chega a um nível de simplicidade e naturalidade.

A sociedade mundial através da publicidade e da moda segue padrões, na qual estão em constante mudança. O universo feminino é o que mais sofre com essas mudanças, pois acabam seguindo esses padrões que a sociedade impõe, ano após ano, fazendo assim com que problemas psicológicos e corporais apareçam. A aceitação de outra pessoa passa a ser o seu foco, não basta a elas se amarem, outrem deve amá-las também.

Com os opostos originados a partir desses conceitos de belo e feio, o dualismo tem parte fundamental. Para ele a essência da nossa consciência está em um plano acima de nós, um plano não físico. O bem e o mal.

Como forma de demonstração desses conceitos, a criação do projeto *Bellas* priorizou mulheres reais e mulheres que fogem dos padrões de belezas impostos pelas mídias e a moda. A libertação em torno desse ciclo repetitivo dá a elas vida, e é isso que o nosso mundo necessita, uma libertação da forma de vida que estamos traçando nossa vida.

Amar-se como realmente são, é de fato o maior bem que o ser humano pode fazer a ele mesmo. Sejamos belos. Sejamos feios. Sejamos esteticamente perfeito-imperfeitos e sejamos o dualismo em pessoa, o bem e o mal, o ontem e o hoje. Esses conceitos cabem a nós entendermos e utilizarmos da melhor forma possível no nosso dia a dia.

Hoje somos assim e amanhã, seremos a nova evolução? Sim! Hoje, amanhã e sempre seremos.

REFERÊNCIAS

BAURET Gabriel. ***A Fotografia (História, Estilo, Tendências, Aplicações) Arte e Comunicação***. Lisboa: Editora 70, 2000.

BAYER Raymond. ***História da Estética***. Portugal: Editora Estampa, 1993.

DANTAS, Jurema Barros. ***Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade***. Estud. Pesqui. Psicol., Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, 2011. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v11n3/artigos/pdf/v11n3a10.pdf>>. Acesso em: 28 Junho. 2016.

DUARTE JR. João Francisco. ***O Que é Beleza***. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DUFRENNE Mikel. ***Estética e Filosofia***. Lisboa: Editora Perspectiva, 1972.

ECO, Umberto. ***História da Beleza***. São Paulo: Ed. Record, 2007.

ECO, Umberto. ***História da Feiura***. São Paulo: Ed. Record, 2007.

GUARDINI Romano. ***Aceitação de Si Mesmo – As idades da Vida***. São Paulo: Editora Palas Athena, 2003.

JIMENEZ Marc. ***Estética***. São Paulo: Editora Unisinos, 1990.

KANT Immanuel. ***Crítica da Razão Pura***. São Paulo: Editora Brasil, 1980.

KIRCHOF Edgar Roberto. ***Estética e Semiótica de Baumgarten e Kant a Umberto Eco***. São Paulo: Editora Edipucrs, 2003.

LIPOVETSKY Gilles. ***A Terceira Mulher – Permanência e Revolução do Feminino***. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000

LIPOVETSKY Gilles. **Metamorfose Da Cultura Liberal– Ética – Mídia – Empresa**. São Paulo: Editora Sulina, 2004.

LIPOVETSKY Gilles / SERROY Jean. **A Cultura-Mundo – Resposta A Uma Sociedade Desorientada**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2011.

LIPOVETSKY Gilles. **O Império Do Efêmero – A Moda E Seu Destino Nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.

TOSCANI, Oliviero. **A publicidade é um cadáver que nos sorri**. São Paulo: Editori Ediouro, 2009.